



(Relatos de Experiências)
**EXPEDIÇÃO GEOGRÁFICA EM MEIO A PANDEMIA DE COVID-19:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS**

Dr. Alexsande de Oliveira Franco^{1*}, Dr. Waldemir Lima dos Santos^{1,2}, Msc. Anderson Azevedo Mesquita^{1,3}, Dr. Rodrigo Otávio Peréa Serrano^{1,4}
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5416-5247>; <https://orcid.org/0000-0002-7786-8305>;
<https://orcid.org/0000-0002-5306-5612>; <https://orcid.org/0000-0003-0947-8070>.

¹ Professor na Universidade Federal do Acre (UFAC), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio Branco, Acre; ² Professor no Programa de Pós Graduação em Geografia da UFAC, Rio Branco, Acre; ³ Doutorando no Programa de pós-graduação em geografia da Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia; ⁴ Professor no programa de pós-graduação em Ciência, Inovação e Tecnologia para a Amazônia da UFAC, Rio Branco, Acre, Brasil.

*aofrancoufac@hotmail.com

Recebido em: 24/06/2020; Aceito em: 23/09/2020; Publicado em: 20/12/2020
DOI: <https://doi.org/10.47418/uaquiri.vol2.n2.2020.4030>

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo descrever um relato de experiências relacionado a Expedição Geográfica do curso de geografia da Universidade Federal do Acre. Suas dificuldades, problemas e desafios, durante e depois da atividade. Esse evento foi realizado do dia 10 ao dia 24 de março de 2020. O cronograma previa atividades em todo trajeto Rio Branco/AC a João Pessoa/PB, no entanto, em função de problemas relacionados ao COVI-19, foi necessário interromper as atividades. Apesar das diferentes dificuldades, essa atividade é muito salutar para o desenvolvimento do profissional de geografia em formação, para o curso em tela e ainda para instituição.

Palavras-chave: Ensino; aprendizagem, Corona Vírus; Geografia.

EXPEDITION GEOGRAPHY AMONG COVID-19 PANDEMIC - EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

This study aims to describe an account of experiences related to Geographic Expedition of the geography course at the Federal University of Acre. Your difficulties, problems, and challenges, during and after the activity. This event was held from March 10 to March 24, 2020. The schedule foresaw activities throughout Rio Branco / AC to João Pessoa / PB, however, due to problems related to COVI-19, it was necessary to interrupt activities. Despite the different difficulties, this activity is very salutary for the development of the geography professional in training, for the course on screen and for the institution.

key words: Teaching; learning, Corona Virus; Geography.

EXPEDICIÓN GEOGRAFÍA ENTRE PANDEMIA COVID-19 - INFORME DE EXPERIENCIA

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo describir una descripción de las experiencias relacionadas con la Expedición Geográfica del curso de geografía en la Universidad Federal de Acre. Sus dificultades, problemas y desafíos, durante y después de la actividad. Este evento se llevó a cabo del 10 al 24 de marzo de 2020. El cronograma previó actividades en todo Río Branco / AC a João Pessoa / PB, sin embargo, debido a problemas relacionados con COVID-19, fue necesario interrumpir las actividades. A pesar de las diferentes dificultades, esta actividad es muy saludable para el desarrollo del profesional de geografía en capacitación, para el curso en pantalla y para la institución.

Palabras clave: Enseñando; aprendizaje, Corona Virus; Geografía.

1. INTRODUÇÃO

As expedições geográficas são atividades realizadas ao longo da história. Sendo um dos mais relevantes Alexander von Humboldt (1769-1859). Humboldt escreveu quatro volumes de suas explorações, sobretudo, na América Latina (ANDRADE, 2019). Em solo brasileiros, podemos referenciar as históricas das expedições bandeirantes (RAIMUNDO, 2004).

As expedições enquanto atividade (pesquisa exploratória) não é só necessária, mas fundamental para o currículo do geógrafo, mas também do licenciado em geografia. As expedições geográficas podem ser consideradas como um evento itinerante onde o corpo docente e discente do curso realizam visitas técnicas em instituições que possuem afinidade com a área de formação do geógrafo (MESQUITA, et al., 2020, p. 2). As atividades em campo/práticas possuem em sua estrutura de ensino a possibilidade de os discentes abordarem os desafios e os problemas de forma eficiente (CACAU et al, 2020), quanto a sua profissão. Nessa direção, a expedição geográfica realizada pelo curso de geografia da Universidade Federal do Acre, possui papel relevante na formação docente e do geógrafo.

A expedição geográfica no Curso de Geografia da Universidade Federal do Acre perdurou, até o final da década de 1990, saídas de alunos pelo País anualmente, orientadas por docentes que se dispunham a desempenhar um papel de verdadeiros “desbravadores” da Geografia do Brasil. Naquelas ocasiões, denominavam essas atividades de “Viagem ao Pantanal”.

Motivados pela falta de estrutura, condições econômicas ínfimas e diversos outros motivos, tais “viagens” deixaram de ocorrer, com sua última versão ocorrendo no ano de 1997. Em 2014, com o sentimento de expandir a Geografia da UFAC a outros lugares do País, aliando a teoria da sala de aula à prática de campo, foi retomar as “viagens” do Curso de Geografia, como sendo uma atividade primordial para a formação acadêmica e para o exercício profissional.

Diante da ideia, o desafio foi elaborar o Projeto: “1º Expedição Geográfica do Curso de Geografia da Universidade Federal do Acre – Nível Nacional”, realizando-se a sua primeira edição no ano de 2015, com a participação de 18 alunos e 2 Professores¹. Na ocasião, realizou-se o percurso de Rio Branco/AC ao município de Torres/RS, em 23 dias de estrada.

Pela dificuldade financeira e logística, convencionou-se então que as demais edições das Expedições Geográficas se realizariam de 2 em 2 anos. No entanto, pelos mesmos motivos, a 2ª Expedição Geográfica realizou-se no mês de abril de 2018, desta feita com a participação de 29 alunos e 4 Professores². Nessa edição, realizou-se o percurso de Rio Branco a Baía de Guaratuba, litoral sul do Estado do Paraná, em 24 dias de estrada (Mesquita et al, 2020).

Nesta 3ª Expedição Geográfica, realizada no ano de 2020, os problemas financeiros foram ainda mais evidentes, relacionadas aos cortes orçamentários realizados pelo Governo Federal que equacionou em 40% o repasse de dinheiro a Universidade Federal do Acre. Este fato, diminuíram as chances de realização da Expedição, no entanto, com empenho, dedicação e boa vontade por parte dos seus executores e da Administração Superior foi possível sua realização.

Mesmo diante de um cenário desfavorável, realizou-se a 3ª Expedição Geográfica do Curso de Geografia da UFAC, no período de 10 a 24 de março de 2020, com a presença de 17 alunos e 3 Professores³. Desta feita, fomos impedidos de realizar o trajeto anteriormente planejado pelo avanço do Corona Vírus (COVID-19) que assola nosso País. Originalmente, o projeto se desenvolveria no trecho Rio Branco/AC a João Pessoa/PB, no entanto, suspendeu-se a partir de Belo Horizonte/MG pelo bem da saúde de todos os participantes. Mesmo assim, as atividades foram consideradas pelos professores, exitosas e proporcionaram aos participantes, o contato com conteúdo, vistos na teoria em sala de aula.

Diante do relato histórico, observa-se que a análise do espaço geográfico, como objeto de estudo do geógrafo se relaciona com as expedições/ explorações, pois envolvem o reconhecimento de fenômenos em outras regiões que somente com essa atividade é possível realizar. Ainda com relação a atividade, é importante mencionar que a mesma deve ocorrer a cada 2 anos, mas apesar de sua relevância, não é tarefa fácil de realizar-se, pois depende de

¹ Waldemir Lima dos Santos e Frank Oliveira Arcos

² Waldemir Lima dos Santos, Rodrigo Otávio Perea Serrano, Anderson Azevedo Mesquita e Francisco Ivam do Nascimento.

³ Waldemir Lima dos Santos, Rodrigo Otávio Perea Serrano e Alexsande de Oliveira Franco.

investimento institucional – transporte, combustível, motorista, ajuda de custo aos alunos, e diárias aos servidores.

O custo da Expedição é baixo, quando comparado ao retorno institucional e profissional. Isso ocorre: a) pois a instituição é representada pelos expedicionários em outras instituições nacionais públicas e privadas de forma positiva e conseqüentemente reconhecida como universidade que desenvolve pesquisa, ensino e extensão. E b) os alunos têm a oportunidade de criar potenciais intercâmbios de ensino e de trabalho.

Apesar da notória importância da atividade, sua implementação nunca foi fácil, mas uma luta coletiva dos docentes coordenadores e do curso de Geografia. Assim ocorreram a 1ª (em 2015), 2ª (em 2018) e 3ª Expedição Geográfica (em 2020), conforme visto acima. Bom, passemos a relatar a experiência que vivemos durante a execução da 3ª Expedição Geográfica, que não menos importante, foi muito enriquecedora, apesar dos diversos problemas que um projeto como este é submetido.

A metodologia da 3ª Expedição Geográfica, assim como as demais, seguiu a grade curricular do curso com suas disciplinas curriculares, ou seja, seguiu as orientações em atividades práticas como preenchimento de questionários, observação, análise, e dentro do possível, palestras à medida que visitamos pontos estratégicos e visitas técnicas. Assim as orientações foram observar e analisar a paisagem natural (relevo, solo, recursos hídricos, clima e condições do tempo – atmosféricas) humana (agricultura, pecuária, mineração, núcleos urbanos, turismo, indústria). Bem como as categorias geográficas de lugar, paisagem, região e território. Doravante contribuição importante foi a perspectiva sistêmica com suas interações Geossistêmicas (BERTRAND, 2014).

A expedição seguiu o planejamento inicial, mas notava-se que algo não estava normal, o COVID-19 estava no ar, apesar de não representar ainda risco, pois era apenas um caso em São Paulo onde não passaríamos. Nessa direção, como forma de descrever as atividades e, sobretudo, os relatos de experiência no decorrer do percurso, estabelecemos como parâmetro diário de bordo (anotações relevantes do ocorrido diariamente).

2. DIÁRIO DE BORDO: AS EXPERIÊNCIAS E OS DESAFIOS

Aqui são descritas as principais atividades e fatos ocorridos no percurso da 3ª Expedição Geográfica, no período de 10 a 24 de março de 2020, como mencionado abaixo:

Logo no primeiro dia de viagem, dez de março, em direção a Porto Velho/RO observou-se a dificuldade logística das distancias entre as cidades, ou pelo menos entre as capitais do

norte. Aproximadamente 500 quilômetros de rodovia, BR 364, com muitos problemas estruturais o que dificultou essa primeira etapa de deslocamento.

A paisagem era um misto de mudanças nas características geológicas/ geomorfológicas e resquícios de floresta ombrófila aberta e muita pastagem, sobretudo, a margem da estrada. Nesse percurso, o rio madeira estava no caminho e como a ponte sobre o mesmo não estava ainda inaugurada, foi necessário atravessar pela balsa.

Essa balsa é passagem obrigatória para quem quer atravessar de um lado a outro do rio. Isso dificulta e encarece o frete nesse percurso, pois além das distâncias para os estados do centro-sul, tem o pedágio da balsa para atravessar. A noite chegamos em Porto Velho, parada obrigatória para descansar e renovar as energias, pois no dia seguinte atividades nos esperávamos na cidade.

No segundo dia, pela manhã, visita técnica na hidrelétrica de Santo Antônio em Porto Velho. A Estrutura era impressionante, imponente. Conhecemos a Unidade Hidroelétrica através de palestras sobre seus impactos, problemas e desafios. Logo em seguida visita *in loco* nas estruturas da hidrelétrica (sala de situação, turbinas, canal, barragem), tudo de forma assistida.

As hidrelétricas, sem dúvida, causam impacto ambiental, social, cultural, econômico e outros, de toda a monta, no entanto, as UHE são extremamente importantes e estratégicas para qualquer país que tenha esse potencial hidráulico, pois a energia é a mola propulsora para a economia mundial (FRANCO; FRANCO, p. 65).

Na parte da tarde visita ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Onde conhecemos os laboratórios do curso de Geografia, discutimos potenciais parcerias e intercâmbios. Visita muito salutar e importante. O dia de atividades terminou, sem antes percebermos um problema relacionado ao nosso transporte (ônibus) que apresentava dificuldade à medida que aumentava sua velocidade. Contato foi realizado com setor responsável da Universidade Federal do Acre que estabeleceu Vilhena como parada para conserto. É relevante mencionar que o Corona Vírus, no dia 11 de março de 2020, ainda representava uma fase embrionária no Brasil, 69 casos confirmados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

No terceiro dia, logo cedo, café no hotel e abastecer o ônibus para Vilhena, mais 800 quilômetros de viagem. Essa prometia ser cansativa pela distância e o potencial aumento de veículos na BR 364. No entanto, os problemas, já na saída se apresentaram, quando no abastecimento o cartão cooperativo não passou, levando a um atraso de aproximadamente duas

horas. Resolvido esse problema, as paisagens se mostravam entre um mosaico de núcleos urbanos de diferentes tamanhos, vegetação em constante transformação, relevo acidentado, diferentes plantações e criações. Rios pequenos e médios. Houve uma parada para coletar água no rio Machado (no meio da ponte - jogava um coletor amarrado a uma corda, o puxava de volta e armazenava em uma garrafa) município de Ji-Paraná para posterior análise física e química em Instituição Federal de Ensino Superior.

Aproximadamente onze horas da noite chegamos na cidade de Vilhena para repousar, após longo dia de viagem. As observações e análise do trajeto ficaram a cargo dos alunos com auxílio de informações dos professores e preenchimento de questionários.

Os casos de COVID-19 no Brasil estavam em apenas 77 confirmações (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020), mas já demonstrava preocupação, pois é uma doença sem remédio, vacina ou qualquer outra remediação.

No quarto dia, nas primeiras horas da manhã, os motoristas levaram o ônibus para conserto, mas os mecânicos não descobriram o motivo do problema. Na tentativa dos mecânicos em “adivinhar” qual seria o problema, o Coordenador da Expedição, mesmo sem a aquiescência do Setor de Transportes da UFAC, assumiu a responsabilidade de seguir viagem, pois tinha atividades e visitas técnicas agendadas para ocorrer no dia seguinte, dia 14, na Chapada dos Guimarães/MT. A viagem, então, seguiu com passos lentos em direção ao Estado de Mato Grosso, especialmente a Chapada dos Guimarães. Outro longo trecho de 900 quilômetros.

O trajeto apresentou elevação do relevo em função da Serra dos Parecis, a vegetação iniciou processo de transição entre Amazônia e Cerrado de forma mais consistente. Aqui observou-se agricultura da soja de forma expansiva, chapadas, patamares e relevo dissecado compreendendo uma riqueza geológica/geomorfológica regional. O Brasil é rico em paisagens naturais e tem uma Geodiversidade geológica e geomorfológica muito diversificada em todas as suas regiões (ARCOS; FRANCO, 2020 p. 110). Ainda para os mesmos autores, a Geodiversidade no Brasil está diretamente ligada aos aspectos da geoconservação do patrimônio natural geológico e geomorfológico para cada domínio morfoclimático.

A chegada foi à meia noite. Restou apenas descansar, pois em quatro dias, foram percorridos aproximadamente dois mil quilômetros. O Corona vírus se expandia pelo Brasil, no entanto, estava apenas no início do preocupante cenário 30 dias depois. Aqui fica a reflexão, deixando o vírus de lado, uma das maiores dificuldades da atividade “Expedição Geográfica” são as distâncias percorridas.

Visita técnica nos esperava, no quinto dia, no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, trilha da cidade de pedra, paredão do eco, cachoeira das andorinhas e cachoeira dos namorados. Observação do relevo, recursos hídricos, vegetação e aspectos turísticos do local, no entanto, com poucas pessoas no local. Nesse local é desenvolvido o ecoturismo enquanto proposta de conservação da natureza por meio da interpretação, conservação e sustentabilidade (KUNDLATSCH et al, 2017).

Toda a visita foi guiada pelos técnicos do ICMBio do Parque. Essa orientação foi fundamental para todo o deslocamento, história do local, bem como as particularidades locais. Visita muito rica e esclarecedora.

O vírus ganhava força em território nacional, sobretudo, no estado de São Paulo. Isso nos deixava ansiosos e preocupados com relação ao andamento da Expedição.

Durante o sexto dia, apesar dos problemas apresentados pelo ônibus da instituição – aquecimento do motor em determinada rotação e banheiro com defeito, continuamos a viagem, novecentos e cinquenta quilômetros nos esperavam, agora em direção ao estado de Goiás (cidade de Goiânia). O planalto central avistamos, elevações que no Acre não vemos. Relevo acidentado com aclives, declives acentuados e topos planos. Áreas com potencial agropecuário. No trajeto, produção agrícola, maquinário moderno e grande tráfego de carretas.

O Uso e ocupação do solo diversificado (soja, pastagem, eucaliptos, pinos, cana-de-açúcar). A alteração dos ecossistemas naturais por meio das modernas e/ou tradicionais técnicas agrícolas vem provocando mudanças profundas, e possivelmente irreversíveis em áreas cada vez mais vastas da superfície terrestre (FRANCO, 2019. p. 14). Os resquícios de vegetação observados possuíam características de cerrado com vegetação de porte mais arbóreo.

A chegada em Goiânia foi por volta da meia noite. Inicia-se o dia 16 de março, sétimo dia de expedição e logo cedo, poucas horas de sono, saímos em direção a Belo Horizonte. Mais oitocentos quilômetros e notava-se a fisionomia cansada dos expedicionários, mas como diz o ditado “quem está na chuva, é para se molhar”.

Agora estávamos nas maiores altitudes do Brasil, planalto central em direção as Minas Gerais. No percurso soja derramada na pista, carreta tombada, acidente de vários carros. Isso demonstrava o perigo constante nas rodovias brasileiras. Corroborando isso, nesse dia passamos duas horas parados na rodovia em função de acidente que fechou a mesma. Chegada as duas da madrugada do dia 17.

Oitavo dia, visita técnica estava a nossa espera, Instituto de Geociências e seus laboratórios (geoprocessamento, recursos hídricos, geomorfologia, geologia). Tudo

encaminhado e guiado pela gentil professora Dra. Cristina H. R. R. Augustin que nos recebeu com todo afeto e dedicação. Foi possível fechar parcerias futuras como capacitação e intercâmbio. Do mesmo modo no Laboratório de Pesquisas Hidráulicas e Recursos Hídricos (CPH). Outra atividade muito salutar foi reconhecer as estruturas geomorfológicas de Belo Horizonte e a organização de sua malha urbana, a praça do Papa, o mirante das Mangabeiras e a Serra do Parque Estadual do Rola Moça.

Observa-se no ar os problemas do Covid-19, pois a instituição fecharia suas portas no dia seguinte. A expansão do vírus estava em níveis acelerados e preocupava nessa direção a todos. Nesse dia, 17 de março, os casos confirmados foram na casa de 291 pessoas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020), e a confirmação do primeiro óbito em território nacional.

No nono dia, em função da correria da viagem, foi um período para conhecerem a cidade de forma mais particular – cultura, gastronomia, artesanato - o Mercado Central. Minas Gerais é representada (queijo, cachaça, doce de leite). Mas, nada parecia normal, poucas pessoas circulavam no local, o medo do Corona vírus parecia no ar.

Nessa direção, o Coordenador Geral¹, após conversa com os demais colaboradores² tomou a decisão de suspender as atividades da Expedição e iniciar o regresso ao Acre a partir dali, pois o perigo de contaminação já era real. Ao meio-dia, em reunião de urgência marcada com todos os expedicionários no Mercado Central, o Coordenador repassou a notícia da suspensão que, apesar do olhar frustrante de alguns, foi aceita a decisão por unanimidade. Nesse momento, a preocupação era dobrada, tanto com a saúde dos alunos-expedicionários e servidores, como dos parentes e amigos que ficaram no Acre, para onde o Corona Vírus já estava na espreita.

Restou-nos, terminar o dia e arrumar as malas para partir de volta. O trajeto original até o Nordeste ficaria para outro momento, pois a prioridade era voltar com segurança para casa.

A Coordenação contatou então a instituição avisando da decisão havia tomado, essa, por conseguinte, avaliou como sendo a decisão mais acertada. Aqui queremos agradecer a administração superior da UFAC pelo apoio a atividade.

No ambiente interno do ônibus onde “estávamos confinados” todos estavam bem: sem tosse, espirro, febre ou qualquer outro sintoma. No entanto, o cuidado com a assepsia de todos foi redobrado, com o uso de álcool em gel tanto nas mãos quanto nos corrimões e braços das cadeiras do ônibus. Além disso, as orientações dos coordenadores da viagem eram sempre

¹ Prof. Dr. Waldemir Lima dos Santos.

² Prof. Dr. Rodrigo Otávio e Prof. Dr. Alexandre Franco.

repassadas: “cuidado ao entrar em restaurantes, lanchonetes e ao usar banheiros. Mantenham distâncias de 2 metros das pessoas e fiquem atentos à espirros e contato de superfície e de pessoas...” Orientações estas, que surtiram muito efeito positivo.

Décimo dia, 19 de março, hora de voltar para casa, início do regresso. *Como diz o ditado “o caminho do feio é por onde veio”*. O ônibus apresentava ainda problemas que tentaram resolver em Belo Horizonte, peças foram trocadas, mas na estrada o problema persistia. Parecia um mistério o que ocorria com o carro, pois ninguém descobria. Volta para Goiânia, mesmas distâncias em tela. Agora a missão era voltar com saúde para casa.

Em direção a Cuiabá, dia 20 de março, já no décimo primeiro dia de viagem, no caminho observávamos a dificuldade de comer, pois com a infestação do Corona Vírus pelo País, ‘904 casos confirmado e já 11 mortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020), os decretos estaduais estavam em vigor para fechar bares e restaurantes, evitando assim, aglomerações de pessoas. Tivemos que perder um bom tempo esperando as marmitas que eram preparadas na parte interna do restaurante e repassadas, uma a uma, na porta do restaurante para os expedicionários, que comeram no ônibus, pois não podia fazer aglomerações. A essa altura, a ficha começava a cair e ter a noção do que viria com o Corona Vírus. Realidade comprovada com os noticiários que acompanhávamos à medida que a rede de *internet* dava sinal no perímetro urbano das cidades pelo caminho.

A essa altura, no decimo segundo dia, 21 de março, o COVID-19 no Brasil já estava alastrado e preocupava a todos, ‘1.128 confirmados e 18 óbitos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). No ônibus todos cuidavam em lavar as mãos sempre que possível e o álcool gel era lei, principalmente quando entravam no ônibus.

No caminho tudo muito bem, logo que subiu a serra Santa Bárbara, entre a cidade de Cuiabá e Pontes e Lacerda, o defeito no ônibus aumentou e, dessa vez, ficou no *prego*, às 15h, de sábado. Felizmente, estávamos em uma vila do interior do Mato Grosso, há 350 Km de Vilhena/RO, chamada Adrianópolis, município de Vale do São Domingos/MT, que tinha os serviços básicos como restaurante, hotel e farmácia. Terra de gente pacata e acolhedora, logo surgiu o dono do hotel oferecendo ajuda e lugar para hospedar-se, caso fosse necessário. Ao buscar o mecânico da cidade, este dispôs a ir em carro próprio até a cidade de Pontes e Lacerda, em busca da correia do motor que havia quebrado.

Às 17h saíram em busca da peça. Sábado à tarde e ainda com corona vírus não seria fácil consertar o ônibus. Ficamos o restante da tarde, anoiteceu e nada da peça. Lembrando do que havia dito o dono do hotel, às 20h, o Coordenador da viagem, decidiu pelo pernoite naquela

localidade. Após conversa com os colaboradores, contatou-se o hotel para saber a capacidade de suporte e, para nossa sorte, coube todos os alunos e servidores para uma noite de sono em um hotel que, a julgar pela distância das grandes cidades, estávamos em um “resort” (quartos individuais, chuveiro quente, *wi-fi*, café da manhã e um tempo agradável).

No domingo, dia 22 de março, décimo terceiro dia, contando com a sagacidade dos motoristas (Lira e Marcílio) e de boas pessoas foi possível encontrar na cidade vizinha, Pontes e Lacerda, a correia que havia quebrado. Com sorte, o dono da loja abriu no domingo e nos vendeu a peça. Após a troca, já por volta das 11h, foi possível identificar que o real problema no ônibus que nos perseguiu durante toda a viagem era “apenas uma correia” que, após trocada, o problema do aquecimento do motor foi resolvido.

Portanto, às 12h, estávamos novamente na estrada, com destino a Vilhena/RO, primeira cidade do estado de Rondônia numa distância a ser percorrida de 340 Km, rápida se comparada aos trajetos anteriores. Algumas paradas para o banheiro e para comer. Pernoitamos em Vilhena.

No décimo quarto dia, 23 de março, saímos de Vilhena/RO para Porto Velho/RO. Estávamos cada vez mais próximos de casa. A sensação de alívio de todos era imensa, já que todos permaneciam assintomáticos. A grande preocupação do Coordenador da Expedição e de seus colaboradores era a de “*entregar todos os alunos bem de saúde, de volta para a família*”. Na certeza de que as famílias também assim o desejavam e estavam ansiosos pela chegada deles, considerando-se que a frase “FICA EM CASA” determinada pelo avanço do Corona Vírus, já estava em evidência. Eram 1.891 casos confirmados e 34 mortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Sabendo-se que se aproximava de casa, o Coordenador contatou novamente a Universidade Federal do Acre, através do telefone da Pró-Reitora de Graduação, para saber dos procedimentos que poderiam ser tomados na chegada à Rio Branco e também em casa. A Profa. Ednacelli Damasceno então, contatou o Comitê de Enfrentamento ao Corona Vírus, formado por médicos e especialistas da UFAC e, posteriormente, repassou-nos todas as informações. As principais eram: 1) desembarcar os alunos o mais próximo possível de suas residências; 2) Apenas 1 parente, abaixo de 60 anos, poderia ir buscá-los, mas sem abraços e qualquer contato; 3) chegar em casa e manter roupas e demais objetos do lado de fora da casa; e 4) ficar em quarentena de 7 a 10 dias, isolado, sem contato com nenhum os membros da casa, observando-se se apareceria algum sintoma. Eis a parte mais difícil! Todas estas informações foram repassadas aos integrantes da Expedição.

Hora de chegar em casa! Decimo quinto dia, 24 de março, saindo de Porto Velho para Rio Branco. Na saída, um *check-list* de todas as medidas que deveriam ser tomadas ao chegar em casa, relatadas no dia anterior. Antes, porém, verificar se todos estavam sem sintomas de gripe. Eis que o Expedicionário Fábio Lúcio, aparece de máscara e com nariz escorrendo, resultado: todos apreensivos no ônibus!!! Mantivemos ele distante dos demais e, para a sorte de todos, Fábio apresentou uma rinite resultante do ar-condicionado durante a noite. Mesmo assim, passados dois dias em monitoramento, todos os sintomas desapareceram e hoje ele está saudável e ninguém, para a honra e glória do Senhor, foi infectado pelo inimigo invisível (COVID-19, Corona Vírus).

Chegamos em Rio Branco às 21h do dia 24 de março de 2020. No Brasil os casos confirmados cresciam vertiginosamente, no dia já chegavam de acordo com o Ministério da saúde (2020) a 2.201 casos e 46 mortes, ocasionando preocupação de todos da expedição. No estado do Acre, sobretudo, em Rio Branco a preocupação também aumentava. Os casos em Rio Branco representavam 21 casos (SESACRE, 2020).

Os cenários, infelizmente não eram considerados positivos, caso não ocorresse o isolamento social. Dessa forma na chegada quarentena obrigatória para todos, em suas respectivas casas, no entanto, distantes de seus familiares.

Infelizmente a tendência, naquele momento, era a subida dos casos de COVID-19, confirmado posteriormente. Como é uma patologia altamente contagiosa o mais correto é seguir as recomendações do ministério da saúde e ficar em isolamento social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expedição geográfica é uma atividade vital para o curso de geografia da Universidade Federal do Acre, pois através da mesma os discentes e mesmo os docentes tem a possibilidade de ver na prática a realidade de outras regiões do país, outros estados, instituições públicas e privadas, de forma a fechar parcerias de intercâmbio e parcerias de pesquisa, ensino e extensão. Além do mais é uma atividade que possibilita a formação profissional do professor em geografia e do geógrafo, bem como uma formação cidadã que levará para a vida.

Os expedicionários tiveram a oportunidades de conhecer e analisar diferentes paisagens, rotas turísticas, atividades econômicas, aspectos sociais e urbanos, ambientais, culturais e de saúde em diversas cidades brasileiras. Aprendizado que será primordial para a carreira profissional de alunos e professores.

Essa atividade deve continuar como forma de incrementar o currículo do curso de geografia. Da mesma forma é salutar para apresentar a Instituição Universidade Federal do Acre como ativa no contexto do ensino e da pesquisa em outras instituições na qual a expedição passa.

Assim pretende-se dentro do contexto apresentado lutar para que essa atividade possa continuar ao longo dos anos bianualmente e enriquecer o ensino-aprendizagem, pesquisa e extensão do curso de geografia e da instituição em tela.

4. AGRADECIMENTOS:

Os autores agradecem a Universidade Federal do Acre (UFAC) em nome da Pró- Reitoria de Graduação e ao Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (SICOOB).

5. REFERÊNCIAS:

AMERICAN GEOGRAPHICAL SOCIETY (AGS). Medalha do Centenário de David e Livingstone. 2020. Disponível em : <https://web.archive.org/web/20151220151522/http://americangeo.org/david-livingstone-centenary-medal/>>. Acesso em: 16 abril 2020.

ANDRADE, Rodrigo Oliveira. Um ecologista no novo mundo. Memória. Revista Pesquisa FAPESP, Edição 281, jul. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2019/07/10/um-ecologista-no-novo-mundo/>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

ARCOS, Frank Oliveira; FRANCO, Alexsande de Oliveira. Sociedade e Natureza: A Geodiversidade e a dinâmica dos conflitos no Parque Nacional da Serra do Divisor. **Revista Uáquiri**, v. 2. n. 1, p. 96-111. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/Uaquiri/article/view/3447/2175>>. Acesso em 22 de junho de 2020.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. Tradução: Olga Cruz. **Revista RA'EGA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, jan./dez. 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>>. Acesso em: 20/05/2020.

CACAU, Analine de Souza; SOUZA, Karolayne Almeida de; FERNANDES, Lucas; BRASIL, Vitoria de Melo; FRANCO, Alexsande de Oliveira; SILVA, Silvio Simione. Análise socioespacial, cultural e ambiental das regionais Alto e Baixo Acre: um relato de experiências. **Revista Uáquiri**, v. 2, n. 1. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/Uaquiri/article/view/3535>>. Acesso em 10 de junho de 2020.

COUTINHO, Adilberto. A última Entrevista de Rondon. **Folha de São Paulo**, 1975. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista_rondon_05mai1973.htm> [Acesso em 16/04/2020](#).

FRANCO, Alexsande de Oliveira.; FRANCO, Elenice. Zampiva. de Oliveira. Hidrelétrica: da importância estratégica aos impactos ambientais. In: **Tópicos Especiais em Geografia**. FRANCO, Alexsande de Oliveira. SANTOS, Waldemir. Lima. NASCIMENTO, Francisco Ivam Cruz. (org.) EDUFAC, 2019. 165p. Disponível em: <<http://www2.ufac.br/editora/livros/TopicosEspeciaisEmGeografia.pdf>>. Acesso em 12/05/2020

FRANCO, Alexsande de Oliveira. Agricultura: das práticas tradicionais às práticas sustentáveis - algumas perspectivas para a sustentabilidade na Amazônia. **Revista Uáquiri**, v. 1, n. 1, p.41-58, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/Uaquiri/article/view/3145/1903>>. Acesso em: 20/05/2020

KUNDLATSCH, César Augusto; FRANCO, Alexsande de Oliveira; FOLMANN, Ana Cláudia; MOREIRA, Jasmine Cardozo; FLORIANE, Nicolas. Representações de eco espiritualidade em atividades de turismo em áreas naturais – estudo de caso no parque ecoturístico municipal São Luís De Tolosa, Rio Negro – PR. **Revista Presença Geográfica**, v. 4, n. 2, p. 60-69, 2017. DOI: 10.36026/rpgeo.v4i2.2978

MESQUITA, Anderson Azevedo, Lucio, Fabio da Silva. Grupo de Pesquisa elabora mapas de disseminação de Covid-19, no estado do Acre. **Grupo de pesquisa: Hidrologia, Meio Ambiente e Geografia dos Riscos (HMAGR)**, 2020. Disponível em: <https://labgeoriscoufac.wixsite.com/website/post/grupo-de-pesquisa-elabora-mapas-de-dissemina%C3%A7%C3%A3o-de-covid-19-no-estado-do-acre> > Acesso em: 16/04/2020.

MESQUITA, Anderson Azevedo; Serrano, Rodrigo Otávio Peréa; Santos, Waldemir Lima; Moreira, José Genivaldo do Vale. Expedições geográficas da UFAC: autoavaliação e impactos na formação e atuação profissional do geógrafo. *Revista UÁQUIRI*, v.2, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/Uaquiri/issue/view/171>>. Acesso em: 16/05/2020

PACHECO NETO, Manuel. Heróis nos Livros Didáticos: Bandeirantes Paulistas. Editora UFGD, 320p., 2011.

RAIMUNDO, Silvia Lopes. Bandeirantismo e identidade nacional: Representações geográficas no Museu Paulista. *Terra Brasilis*, 16p. 2004. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.375>

SOUZA, Ricardo Luiz de. A mitologia Bandeirante: Construção e Sentindo. *História Social*, n.13, p. 151-171, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Paineis Coronavírus. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em 10/04/2020.

SESACRE. Secretária de Estado de Educação. Boletim diário de 24/03/2020 sobre coronavírus. Disponível em: <<https://agencia.ac.gov.br/boletim-sesacre-desta-terca-24-sobre-o-coronavirus>>. Acesso em 20 de abril de 2020.